



Ala do partido declara apoio ao ex-presidente e promete torpedear a pré-candidatura de Simone Tebet na convenção nacional da sigla, semana que vem. Dissidentes votarão pela união com o PT ainda no primeiro turno

MDB tem 11 estados com Lula

» VINICIUS DORIA

A fenda que cinde o MDB está se expandindo. Ontem, em São Paulo, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva recebeu o apoio de lideranças de 11 estados a sua pré-candidatura ao Palácio do Planalto. A reunião, marcada inicialmente com caciques emedebistas do Nordeste, ganhou o reforço de lideranças do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, além da confirmação dos apoios já declarados no Amazonas e no Pará. No encontro, na Fundação Perseu Abramo, Lula estava acompanhado da presidente do PT, Gleisi Hoffmann.

Participaram os senadores Renan Calheiros (AL), Eduardo Braga (AM), Veneziano Vital do Rêgo (PB), Marcelo Castro (PI) e Rose de Freitas (ES); o líder do MDB na Câmara, Isnaldo Bulhões (AL); o governador de Alagoas, Paulo Dantas; os ex-senadores Eunício Oliveira (CE) e Edison Lobão (MA); o ex-governador Renan Filho (AL); o ex-deputado Lúcio Vieira de Lima (BA); e o presidente do diretório estadual MDB no RJ, o ex-ministro Leonardo Picciani.

A dissidência emedebista promete torpedear a pré-candidatura da senadora Simone Tebet — em aliança com PSDB e Cidadania — na convenção nacional do partido, semana que vem, votando pela união com o PT ainda no primeiro turno. Hoje, o mesmo grupo se reúne com o presidente do MDB, deputado Baleia Rossi (SP), e com o ex-presidente Michel Temer (SP) para reforçar o movimento contrário à chapa da terceira via.

“A nossa posição está tomada, nós vamos acompanhar o presidente Lula. Com relação à convenção, nós queremos conversar. Podemos votar contra, podemos não participar, temos várias alternativas. Mas essa decisão só será tomada depois desta semana de diálogos no MDB”, disse o líder do partido no Senado, Eduardo Braga (AM).

Baleia Rossi, por sua vez, postou em sua conta no Twitter que a pré-candidatura de Tebet será homologada na convenção nacional. “Conversei há pouco com alguns dirigentes do MDB que, supostamente, estariam com outro candidato a presidente. Eles me garantiram que vão apoiar Simone Tebet na convenção que vai homologar-la candidata. Decidimos por maioria, respeitando as minorias. Teremos apoios nos 27 estados”, escreveu ele.

“Quero aqui colocar o meu respeito e consideração à senadora

Reprodução/video



Além de caciques emedebistas do Nordeste, a reunião teve reforço de lideranças do Rio de Janeiro, do Espírito Santo, do Amazonas e do Pará



Quero aqui colocar o meu respeito e consideração à senadora Simone (...), mas eu acho que estamos em um momento em que temos de unir forças democráticas e progressistas para evitar uma tragédia maior no Brasil”

Gleisi Hoffmann, presidente do PT

“A nossa posição está tomada, nós vamos acompanhar o presidente Lula. Com relação à convenção, nós queremos conversar. Podemos votar contra, podemos não participar, temos várias alternativas”

Eduardo Braga (AM), líder do MDB no Senado

Simone, de quem fui colega durante uma parte do meu mandato no Senado, mas eu acho que estamos em um momento em que temos de unir forças democráticas e progressistas para evitar uma tragédia maior no Brasil”, declarou Gleisi Hoffmann, evitando criar arestas entre os dois

partidos. Caso a eleição presidencial vá para o segundo turno, o PT conta com o apoio formal do MDB à candidatura de Lula.

Racha no Rio

A presença do deputado licenciado Leonardo Picciani marca

outra dissidência de peso, com impacto na campanha de reeleição do presidente Jair Bolsonaro no estado do Rio de Janeiro. O MDB fluminense já fechou acordo para indicar o candidato a vice na chapa do governador Cláudio Castro (PL), candidato à reeleição apoiado pelo Palácio do Planalto. A adesão de Picciani enfraquece o palanque governista no estado.

No Amazonas e no Pará, o apoio a Lula foi cancelado por Eduardo Braga. No Espírito Santo, a senadora Rose de Freitas também confirmou a adesão ao petista. A presença dela no encontro de ontem se deu três dias depois de recepcionar e ciceronear Simone Tebet na visita que fez ao estado capixaba. O MDB faz parte do arco de alianças em prol da reeleição do governador Renato Casagrande (PSB) ao Palácio Anchieta.

Em quase todos os estados nordestinos — à exceção de Sergipe —, o apoio a Lula está fechado e dá sustentação a acordos locais, como Alagoas, Ceará e Paraíba, que lideram a dissidência pró-PT, além da Bahia, do Piauí, do Maranhão e do Rio Grande do Norte. Em Pernambuco, o partido tende a apoiar o deputado federal Danilo Cabral, do PSB, em aliança com o PT. No Ceará, a tendência é o MDB dar sustentação à reeleição da governadora

Izolda Cela, candidata natural do PDT, seguindo orientação do cacique da legenda no estado, o ex-senador Eunício Oliveira. Caso o PDT decida lançar o ex-prefeito de Fortaleza Roberto Cláudio — preferido do pré-candidato Ciro Gomes —, o MDB pode retirar o apoio à chapa, mas não a Lula.

Na montagem dos palanques locais, porém, ainda há divergências entre petistas e emedebistas em alguns estados, que não representam risco à candidatura de Lula na região. É o caso da Paraíba, onde o ex-presidente vai apoiar o senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB) ao governo, com o ex-governador Ricardo Coutinho (PT) como candidato ao Senado. Mas o PSB faz pressão para que Lula reedite no estado a coligação nacional, respaldando a reeleição do governador João Azevêdo.

Além da Paraíba, Lula deverá ter palanque duplo em Pernambuco, com as candidaturas de Danilo Cabral (PSB) e da ex-petista Marília Arraes (Solidariedade). No Ceará, terá de dividir os holofotes com Ciro Gomes. Em Alagoas, o MDB indicará o candidato ao governo local com vice do PT. No Rio Grande do Norte, na Bahia e no Piauí, o palanque se inverte: o PT indica o candidato ao governo com vice emedebista.

Resgate da bandeira

» THAYS MARTINS

O Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul (TRE-RS) decidiu que a bandeira do Brasil, assim como outros símbolos nacionais, não podem ser considerados de cunho partidário ou ideológico.

A decisão foi tomada, na última sexta-feira, depois que a juíza Ana Lúcia Todeschini Martinez, titular do 141ª Cartório Eleitoral de Santo Antônio das Missões e Garruchos, interior do estado, disse que o uso da bandeira do Brasil seria considerado propaganda política nas eleições deste ano. Segundo a magistrada, o símbolo nacional tornou-se marca de “um lado da política” — a bandeira brasileira tem sido usada constantemente pela campanha do presidente Jair Bolsonaro (PL).

De acordo com a decisão do TRE-RS, não há restrições específicas na legislação brasileira sobre o uso da bandeira nacional em período eleitoral e que há entendimento consolidado do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) no sentido de que símbolos nacionais, estaduais e municipais, entre os quais a bandeira, não vinculam o candidato à administração, pois não estão ligados a ela.

“O uso dos símbolos nacionais não tem coloração governamental, ideológica ou partidária, sem prejuízo de que eventuais desrespeitos à legislação sejam objeto de análise e manifestação futuras da Justiça eleitoral, em cada caso concreto, assegurando-se, com isso, segurança jurídica ao pleito eleitoral de 2022”, diz a decisão.

Na quinta, Bolsonaro usou as redes sociais para criticar a fala da juíza. “Não tenho culpa se resgatamos os valores e os símbolos nacionais que a esquerda abandonou para dar lugar a bandeiras vermelhas, a internacional socialista e pautas como aborto e liberação de drogas”, disse, classificando que seria “absurdo” proibir o uso da bandeira do Brasil no período eleitoral.

Ainda na quinta, a deputada Carla Zambelli (PL-SP) apresentou dois pedidos para que a Corregedoria Nacional de Justiça e a Corregedoria-Geral Eleitoral apurem a conduta de Todeschini Martinez, por supostamente tolher a liberdade de expressão.

Sem apoios, Ciro oficializará candidatura

» VICTOR CORREIA

Primeiro presidenciável que lançará oficialmente a candidatura ao Planalto, amanhã, na convenção do PDT, o ex-governador Ciro Gomes enfrenta dificuldades em consolidar apoio à sua chapa. O partido dele ainda não fechou alianças nacionais e compôs escassos acordos estaduais.

Com esse panorama, Ciro corre o risco de repetir 2018 e ter de contar com uma chapa puro-sangue. Para tentar evitar a repetição de cenário, a legenda não deve anunciar o vice na convenção partidária, nesta quarta, em Brasília. A estratégia é segurar a decisão até o último dia da janela das convenções, 5 de agosto, com o objetivo de buscar outras legendas até lá.

Mesmo sendo o mais forte candidato da terceira via, ocupando, consistentemente, o terceiro lugar nas pesquisas de intenção de voto — atrás do líder, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e do segundo colocado, Jair Bolsonaro (PL) —, Ciro não conseguiu articular um rol de alianças nacionais ao redor de seu nome. Com a queda gradual das candidaturas alternativas à polarização, principalmente do ex-ministro Sérgio Moro (União

Calendário

Veja as datas marcadas pelos partidos para oficialização de candidaturas ao Planalto

20/7 — Ciro Gomes (PDT)
21/7 — Luiz Inácio Lula da Silva (PT)
23/7 — André Janones (Avante)
24/7 — Jair Bolsonaro (PL)
27/7 — Simone Tebet (MDB)
30/7 — Luiz Felipe D’Ávila (Novo)
30/7 — Pablo Marçal (Pros)
31/7 — José Maria Eymael (Democracia Cristã)
5/8 — Luciano Bivar (União Brasil)

Obs.: Vera Lúcia (PSTU), Sofia Manzano (PCB) e Leonardo Péricles (Unidade Popular) ainda não têm previsão de data para lançar suas candidaturas.

Brasil) e do ex-governador João Doria (PSDB), as uniões nesse sentido gravitaram para o MDB da pré-candidata Simone Tebet.

A esta altura da corrida eleitoral, os grandes partidos já estão com posição definida: ou têm nome próprio ao Planalto, caso do União Brasil, com Luciano Bivar; ou compõem alianças, como o PSDB; ou deixam claro que os acordos serão negociados apenas no âmbito estadual, a exemplo do PSD. Portanto, resta ao PDT buscar siglas menores ou que venham a desistir de suas candidaturas.

Caso haja uma chapa

puro-sangue, duas mulheres do partido são cotadas: a senadora Leila Barros (DF) e a ex-reitora da Universidade de São Paulo (USP) Suely Vilela. Leila, porém, já anunciou que concorrerá ao governo do Distrito Federal. Ontem, nas redes sociais, ela lançou um financiamento coletivo para sua candidatura. “Se você quer ver o DF vencer, estamos no mesmo time! E como um time, precisamos estar juntos para vencermos esse jogo”, postou a parlamentar.

Um dos motivos para a falta de uma aliança ampla é o

próprio posicionamento de Ciro. Em entrevista ao jornal SBT News em 6 de julho, o ex-governador afirmou que a situação “é um problema, certamente, mas é um problema que é uma opção minha”. “(...) Eu não quero ser candidato para repetir o modelo econômico nem o modelo de governança política”, acrescentou, na ocasião.

Ciro disse também na entrevista que alguns partidos ainda estudam apoiá-lo. “Eles querem ver até a última hora qual é a condição de viabilização da minha candidatura, o que eu considero normal. Mas eu estou pronto para disputar, se necessário, apenas com as forças do meu partido”, enfatizou.

A convenção nacional do PDT prevê a formação de alianças como um dos tópicos de discussão. O encontro ocorrerá a partir das 15h, na sede do partido, na capital federal, com participação presencial e remota.

Alianças locais

Já no âmbito estadual, o PDT tem apenas três pré-candidaturas competitivas ao cargo de governador: no Ceará, no Rio de Janeiro e no Maranhão. No reatado de Ciro Gomes, o nome do

Reprodução/redes sociais



Ciro é o nome da terceira via mais bem colocado nas pesquisas

partido à cadeira só foi definido ontem, a menos de uma semana da convenção local. O ex-prefeito de Fortaleza Roberto Cláudio foi escolhido durante votação na sede cearense da legenda, com a presença do presidente da sigla, Carlos Lupi, e de dirigentes locais. Ciro não compareceu.

A indefinição foi causada pela aliança local entre PDT e PT, que já dura 16 anos. As duas legendas

acordaram que a chapa seria encabeçada pelos pedetistas, mas havia discordância sobre qual nome seria indicado.

Uma ala do PDT próxima a Ciro defendia o ex-prefeito de Fortaleza Roberto Cláudio. Por outro lado, o PT defendia a reeleição da atual governadora, Izolda Cela, e ameaçava romper a aliança de 16 anos, caso Cláudio fosse o escolhido.